

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Agente geral, PAULA NEY.

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

CARDOSO DE MENEZES	A. A.
NEVROSE AZUL	Osorio Duque-Estrada.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
NUM LEQUE	A. Peres Junior.
IN EXTREMIS	Raul Braga.
ALBUM DE RETRATOS	Frederico Rhossard.
NOITES BRANCAS	Leonidas de Sá.
SOMBRA	Julio Cezar da Silva.
NO CAMINHO DA FONTE	Virgilio Varzea.
MAGNETISMOS	Moreira de Vasconcellos.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato do
CAPITÃO-TENENTE LUIZ GOMES PEREIRA

CARDOSO DE MENEZES

Cardoso de Menezes (Antonio Frederico) nasceu em Taubaté, S. Paulo, aos 11 de Julho de 1849. E' filho legitimo do illustre conselheiro João Cardoso de Menezes e Sousa, barão de Paranapiacaba.

Formou-se em sciencias sociaes e juridicas, concluindo o respectivo curso em 1871. Por occasião da revolução dos estudantes em S. Paulo, nesse mesmo anno, compoz a *Marselheza Academica*, o que lhe motivou a demora de dous annos para receber o seu diploma scientifico, indo conquistá-lo na Faculdade de Direito do Recife, mediante exame vago das materias do 5º anno.

Em viagem para Pernambuco, naufragou no paquete *Gambie*, da companhia «Messageries Maritimes».

Em 1873 foi official de gabinete do Ministro da Justiça do gabinete Rio Branco. Fez-se depois advogado, e mais tarde, em 1879, foi nomeado official da Directoria Geral do Contencioso do Thesouro Nacional, cargo que ainda occupa, e cujo exercicio tem muitas vezes interrompido para desempenhar

diversas commissões importantes do Ministro da Fazenda.

Nenhum livro publicou ainda, mas tem escripto bastante, collaborando activamente em innumeros jornaes. A sua especialidade é o folhetim de costumes. E' tambem estimado como critico musical, apesar de ser muito condescendente.

Para o theatro tem produzido, como escriptor, entre outros trabalhos, o *Primo Bazilio*, peça extractada do romance de Eça de Queiroz, a *Eleição directa*, comedia original em 4 actos, escripta a proposito da comedia de França Junior *Como se fazia um deputado*, os *Amores de um sachristão*, comedia em 1 acto, e *Notas recolhidas*, revista. Todos esses trabalhos foram representados nesta capital.

Mas a feição predominante do seu talento é a musica. Cardoso de Menezes é um grande pianista, applaudido e disputado em todos os salões fluminenses. Toca desde a idade de nove annos, e, como estuda sempre, e systematicamente, tornou-se um *virtuose* incomparavel. Conhece todos os segredos do seu instrumento. Gottschalk gabava-o muito, e ja é alguma coisa ter sido, ainda criança, gabado por um artista da ordem de Gottschalk.

Tinha dose annos apenas quando escreveu a primeira das suas composições, cuja lista completa não caberia neste periodico. Entre ellas avultam: *Marselheza dos escravos*, grande marcha symphonica para orchestra e banda militar, composta em 1884, para commemorar a libertação do Ceará; *Primeira serenata*, para canto, popularissima em todo o Brasil; os *Canarios*, grande polka de concerto e caracteristica, a quatro mãos; *Pensa, Lacrymosa*, romances sem palavras, *Manon Lescaut*, romance, — valsas de concerto, fantasias e innumeras composições ligeiras, que sempre tiveram caloroso acolhimento entre artistas e amadores.

Para o theatro escreveu as parituras da *Pera de Satanaç*, da *Cabeça que falla*, da *Moura encantada*, dos *Martyres da Germania*, das *Donzellas de Belleville*, das *Notas recolhidas*, etc. Tem na pasta uma parodia da *Aida*, em

3 actos, as *Cebolas do Egypto*, — uma opereta em 1 acto, de Garrido, *Dous cadis*, — e outra em 3 actos, cujo libreto elle mesmo escreveu, os *Gabariolas*.

E' um improvisador admiravel. Bocage pedia o motte: elle pede tres notas, batidas ao accaso no teclado. Senta-se ao piano e improvisa o que quizerem: uma valsa, um polka, um romance, um nocturno, uma marcha, uma melodia; um tango, etc., obrigando sempre o principal motivo ás tres notas iniciais que lhe deram. Acontece muitas vezes que taes improvisos são verdadeiros primores de inspiração e talento. O emerito improvisador costuma então attribuir-os aos mortos. Espiritismo e modestia.

Que mais direi de Cardoso de Menezes? E' um cavalheiro extremamente sympathico, espirituosissimo, instruido, cavaqueador insigne, pae de nove filhos, avô de dose netos, e amigo do seu amigo.

Não ha retrato mais digno de figurar na galeria do *Album*.

A. A.

NEVROSE AZUL

A LUIZ MURAT

Tudo então era azul: sonhos e dias;
Azul o céu, azul aqui e adiante...
Azul o fio d'agua. rutilante
Como um raro collar de pedrarias!

Bosque verde, repleto de harmonias,
Varado pelo azul de um céu distante,
Inda aqui te relembro neste instante,
Bosque verde, que azul me parecias!

Céus quentes de verão, lisas campinas,
Eram todos azues, como as cortinas
Dos sumptuosos leitos de Stambul;

E tremulo, a cantar, o teu sorriso
Bordava, todo a azul, um paraizo
Inda maior que o céu, e mais azul!

OSORIO DUQUE ESTRADA.

CHRONICA FLUMINENSE

Passemos de largo pelo valente almirante que pretende salvar a Patria a bordo de um paquete frigorifico, em risco de ficar *gelado*; passemos de largo por todos os incidentes politicos da semana, se se póde chamar politica a essa choldra em que ha tantos mezes vivemos, engulhados e aborrecidos. Procuremos nos ultimos dias uma nota alegre, que destoe d'essas tristezas e vergonhas, e escrevamos

uma chronica leve como uma flor e risonha como uma aurora...

Mas... é isso possivel? Póde alguém sorrir tendo o cerebro azoinado por um côro de imprecações e soluços?

*

Não! nada nos póde alegrar; nem mesmo esse enxame de moças bonitas que enfeitava a *kermesse* do Cassino, nem mesmo a estreia da companhia lyrica, a musica suggestiva e consoladora de Wagner...

*

Entretanto, um homem houve que lia dias me fez sorrir. Esse homem foi o Sr. Dr. Aarão Reis, engenheiro illustre, chefe da commissão incumbida de escolher e indicar a localidade em que deve ser estabelecida a futura capital de Minas.

O distincto profissional indicou a Varsea de Marçal, que lhe parece o « centro de gravidade do Estado », e affirmou que dentro de tres annos a cidade ahi construida seria a primeira da America do Sul.

Eu considero o optimismo uma virtude, e, sempre que posso, trato de estimulal-o; mas confesso que o optimismo do Sr. Dr. Aarão Reis me desconcerta... Pois que! nos sertões d'este paiz, onde não se consegue arrazar o morro do Castello, é lá possivel fazer em tres annos uma cidade melhor que Valparaizo, melhor que Santiago, melhor que Buenos-Aires, melhor que Montevidéo, melhor que o Rio de Janeiro!

Não! decididamente o Sr. Dr. Aarão Reis teve um sonho e se julgou nos Estados Unidos, onde as cidades brotam como cogumelos.

Tres annos!

*

Annuncia-se o proximo reaparecimento da *Semana* sob a direcção litteraria de um dos seus fundadores, o nosso querido amigo Valentim Magalhães, e sob a gerencia do Sr. Max Fleuiss, moço distinctissimo, filho e sobrinho dos saudosos Fleuiss da *Semana Illustrada*.

Essa noticia tem sido recebida com enthusiasmo por todos quantos se interessam pelo engrandecimento das lettras nacionaes, pois não ha duvida que a *Semana* prestou muito bons serviços á litteratura e deixou profundas e inextinguiveis recordações.

A primeira phase da *Semana* custou a Valentim Magalhães grandes sacrificios de tempo, dinheiro e trabalho. Faço votos para que esta nova e sympathica tentativa lhe traga as compensações de que é digno.

*

Acabo de percorrer o exemplar, que os editores Magalhães & C. ofereceram ao *Album*, do novo

livro de Affonso Celso, intitulado o *Imperador no exilio*.

« Novo livro » digo mal, por que boa parte do volume é occupada pelo capitulo *D. Pedro II*, dos *Vultos e factos*, e no prefacio e annexos inéditos nada encontrei que por si só pudesse constituir um livro.

Os Srs. Magalhães & C., como editores activos e intelligentes que são, fizeram bem imprimindo esse volume, mas Affonso Celso, esse é que não fez bem emprestando o seu nome honrado, puro e respeitavel a uma especulação de livraria.

Ninguém mais do que eu preza e admira o autor dos *Vultos e factos*; por isso mesmo dóe-me vel-o agarrado á manivella do realejo sebastianista, lisongeando a piéguice d'este bom povo que nunca sabe o que quer, e tratando por *vossa magestade* a ex-princeza D. Isabel, que eu, aliás, estimo e respeito como uma digna filha, que sempre foi, de Therezá Christina, a Mãe dos Brasileiros.

A.

NUM LEQUE

Eu sei tudo que diz este teu leque,
De tu'alma sincera e feiticeira
Confidente gentil. Mas, que meiguice
Quando ha pouco, em segredo, elle me disse
Que sonhâras commigo a noite inteira !

Os segredos se guardam, não se dizem,
Mas, perdão por quem és ! Quando tal soube,
Tão alegre fiquei, tão orgulhoso,
Que aos sentimentos intimos do gozo
O coração no peito mal me coube.

Inconsequente foi e leviano ;
P'ra que outra vez, emtanto, elle não peque,
Aqui me tens, confia em mim somente :
Prometto ser discreto confidente,
Se acaso crês que valho mais que o leque !

A. PERES JUNIOR.

IN EXTREMIS

(UMA RECORDAÇÃO)

I

...O medico approximara-se da janella para consultar o tempo. Na escuridão da noite não brilhava sequer uma estrella; relampagos lambiam, ao longe, a orla negra do horizonte, dos lados da cidade; na atmospherá enervante, uma aragem tepida soprava, num prenuncio de borrasca.

D. Maria foi ter com elle : « Como tinha achado o Eugenio?... haveria ainda alguma esperança?... »

O doutor tirou os oculos e, vagarosamente, poz-se a limpar com o lenço os vidros escuros embaçados. Contrariava-o aquella pergunta: sempre evitára desenganar alguém ..

D'esta vez, porém, não restava a menor duvida: « o seu doente estava nas ultimas horas de vida; nem mesmo chegaria á madrugada... Que lhe valia animal-a, se a surpresa lhe pesaria, mais dura?!... »

A senhora escutava-o, com o olhar brilhante de admiração. Não fôra isso que ella esperára ouvir; procurára sempre illudir-se, pensando que a morte não o levaria tão cedo; quizera crer sempre que, de um momento para outro, vel-o-iam erguer-se, de todo restabelecido... Ainda aquella manhan, elle sorrira para todos, numa alegria de quasi saude.

E as lagrimas corriam-lhe pelas faces, enquanto o peito lhe arfava, sacudido pelos soluços que, embalde, buscava conter.

II

Havia perto de trez mezes que Eugenio chegára da Europa.

Em procura de outros climas que o curassem, partira, cheio de esperanças. A molestia, porém, tinha chegado ao seu auge; nem os ares do velho mundo puderem restituir-lhe a saude perdida.

Quando, de volta, o carregaram do carro que o levára á casa do irmão, D. Maria havia desmaado: não o reconheçera quasi. Para suster-se, foi preciso que dous criados a amparassem.

Vinha elle com as faces encovadas; a pelle grudava-se-lhe aos ossos, numa côr macilenta de cadaver; trazia as mãos constantemente frias; os pés inchados mettiam compaixão

Por isso, duas coisas a sorprendiam, animando-a de um certo modo; era a perseverança que o doente guardava em seus habitos, a tranquillidade com que, a cada passo, fallava da molestia.

Via-se em seus actos como um esforço por não incomodar ninguém. Esse medo da morte, que percebia em torno, talvez elle proprio tentasse afastar de si, buscando mostrar-se o mesmo.

A certas horas, não admittia que lhe entrassem no quarto. Um criado fiel era a unica pessoa que o servia; era quem lhe levava o banho, quem o ajudava a vestir-se, agora que a doença lhe roubára as forças.

Demais, a boa senhora não podia esquecer-se dos bellos tempos em que o cunhado lhe enchêra a casa com as alegres expansões do seu temperamento de moço, d'esses annos felizes de sua vida, em que, sem filhos ainda, os dias lhe corriam serenos, sem un desgosto... E o passado todo lhe parecia desmoronar-se agora, com a noticia d'essa morte proxima.

III

Apenas o doutor sahio, D. Maria dirigio-se para o quarto do enfermo. As lagrimas tinham-se-lhe seccado nos olhos, mas, no rosto pallido, uma tristeza amarga crescia. «Já não havia esperanças: estava perdido,» dissera-lhe o medico. «Antes da manhan, morreria. Nada faltava fazer.»

Ao transpor a porta, um calafrio tomou-a toda. Alli estava, mesmo em frente, o leito do moribundo. Havia uma claridade frouxa na alcova; a tremula chamma da lamparina espalhava sombras lugubres em derredor. Um cheiro de morte enregelava o ambiente.

Eugenio mexia fracamente os braços magros por sobre o cobertor que o envolvia n'uma côr de sangue, como numa ironia. Na fronha alva do travesseiro percebiam-se apenas, naquella penumbra, os seus cabellos negros.

E a cunhada, em pé, olhava-o, prestes a romper em soluços.

Ideias sinistras cruzavam-se-lhe no cerebro. Cada objecto ante si tomava agora uma significação. A propria noite, com sua bórrasca imminente, —o dia da semana, uma sexta-feira, provocavam-lhe scismas. E parecia-lhe escutar a todo instante o p'ar agoirento de uma coruja que ouvira havia dias. Os morcegos, esses, não deixavam o sotam.

Um silencio enorme reinava em toda a casa. Tinha-se dito ás crianças que não fizessem barulho. Na sala de jantar, junto ao sofá, estavam ellas grupadas em roda da mucama que lhes contava historias. As suas cabecinhas louras, cançadas d'aquelle socego, iam fechando as palpebras roseas, num sonho phantastico.

IV

A noite ia em meio; o relógio da casa acabava de bater duas horas.

Na alcova ouviam se agora soluços como que abafados. A boa senhora chorava ainda, inconsolavel, na exaltação da sua sensibilidade de mulher nervosa. Fugia com os olhos á scena muda e lenta que alli se dava, lutando enbalde com uma força estranha que lhe dirigia os olhos para o leito.

Aos pés da cama, os irmãos do moribundo fitavam-n'o, numa dor silenciosa. Sentiam-se fracos, miseraveis, e deixavam se ficar immoveis, num desgosto da vida, no scepticismo da magua...

Nisto, Eugenio deixou cahir a cabeça para o lado: parecia modorrar; um leve sopro desprendeuse-lhe dos labios... O dono da casa correu, então, a ver uma vela; o outro irmão fechava-lhè as palpebras... Depois, os soluços encheram o quarto, numa grande expansão: havia nelles como um allivio, como um consolo...

A chuva, estalando nas calçadas, juntava o seu rumor triste áquelles gritos de angustia; descargas electricas sacudiam as vidraças, atirando pelas frestas clarões avermelhados.

Somente, na sala, como um contraste, o resonar brando das crianças lançava uma nota alegre de vida em meio da tristeza funebre que cercava tudo...

RAUL BRAGA.

ALBUM DE RETRATOS

— Este é o retrato da priminha Estella...
Aquella primasinha
Que o senhor conheceu...
— Lembro-me bem; mas o que é feito d'ella?
— A Estella? coitadinha!
Pois não sabe? morreu...

Olhe a mamam quando era moça ainda;
Que rosto delicado!
Meu Deus! como a belleza se evapora!
— Tem razão, tem razão: era bem linda...
Não se perdeu a formosura infinda...
— Por que?
— Por tel-a herdado
A filha encantadora.

— Agradecida; pois acaso pensa
Que eu creio no que diz?
— Não é lisonja; a formosura immensa
Que espalha no seu rosto esse matiz,
De candura louçan,
E' a mesma belleza deslunbrante,
A altivez elegante
Do rosto da mamam.

— Ora!... Vamos adiante. Estes retratos...
— Que typos caricatos!...
— Não diga tal! são de dous bons amigos,
Conhecidos antigos
Do papá;
Agora, vou mostrar-lhe uma menina
A quem um poeta já chamou divina;
Eis aqui: a Sinhá.

— Realmente! que graça... que sorriso...
Mas ah! minha senhora!
Entendo que não ha no paraizo
Graça mais seductora,
Com certesa não ha,
Mais divinal essencia...
— Que o riso da Sinhá?
— Que o de vossa excellencia.

— Que lisongeiro o senhor é! conhece
Esta menina feia?
— Feia, minha senhora? não parece...
E' muito linda, creia...
Julgo-a mesmo lindissima!
Se vossencia permite o julgamento,
Que innocente recato!
Que bellas tranças! que expressão feliz!
— Pois este é o meu retrato,
Inda tirado em tempos infantis

Que faz? beija-o? é muito atrevimento!
— Perdão; toquei as tranças...
E... para ser-lhe franco, excellentissima:
Eu gosto muito de beijar crianças!

FREDERICO RHOSSARD.



CARDOSO DE MENEZES

NOITES BRANCAS

I

Era o balcão em flor. Manhans claras surgiram limpidas e boas. Auroras da côr das rosas despertaram alegres, festivaes, naquella primavera angelica em que as flores, tepidas de aromas, deixam o espaço impregnado de perfumes, e o pipilo dos passaros, esvoaçando, concerta a musica suavissima do amor.

Foi assim que eu nasci. Criança loura e casta, cercada de visões risonhas; e a luz, que feria a minha retina azul, dava um toque esplendoroso a todas as coisas.

A vida só tem noites. Foi essa a minha primeira noite, mas noite branca, em que as estrellas de ouro pendiam do pallio azul do céu como cachos de flores dos ramos verdes dos arbustos. Era a minha infancia que cantava, naquella Primavera esplendorosa, em que cantava o rio sacudindo a espuma crystalina das suas aguas, e borboletas voavam, espanejando as azas da côr da musselina, donde esvoaçava um pó tenue e sedoso que polvilhava o mel capitoso dos calices rubros das flores. Flores fallavam segredos com as brisas mansas que passavam, fecundando-as em conubio gracil, e em um só beijo a natureza inteira redemoinhava em uma orchestra insinuamente bella.

Rasgando o pallio azul do céu, mostrava o rosto amarello, côr de ouro velho, fundido, o sol, o sol activo e magestoso, mandando seus raios, que se escoavam atraz dos ninhos como fios de um collar soberbo.

Era o pharol da minha primeira noite, noite cheia de auroras e de nebulosas cheia; noite branca, arminada da argamassa branca das estrellas desconhecidas.

II

Ponho-me a pensar em mim, revendo o quadrante espaçoso e largo d'essa lua que me apparece lá muito ao longe como uma peneira branca, de onde sahem todas as nevoas das manhans ridentes em que acordei na infancia. Ponho-me a pensar em mim, indagando do meu *ser* as particulas de que é formado, e da junção da materia amalgamada como um barro de olaria, que o trabalhador manual amassa cuidadosamente para fazer o ladrilho em que hão de pisar o Homem, o Cão os Reptis, e ser coberto de nodoas do sangue dos innocentes e dos culpados, e depois lavados pelas aguas pluveas de um chuveiro de inverno ou pelas neblinas que descem rarefeitas na primavera quando tudo é flor, e os ninhos são orchestras cheias de cantores que embalam os ramos adormecendo as pequeninas aves, sem azas para voar, e sem cantos para entoar o grande hymno alacridado e bom da madrugada rosea.

Ponho-me a pensar em mim mesmo: neste *ser* que se movimenta graças ao Oxigenio, ao Hydrogenio e ao Azoto, como qualquer balão que se abalanceia no espaço e perfura as camadas azuladas do ether até o instante em que o ar fallece e a força se torna inactiva. E vou revolvendo, camada a camada, os departamentos da Archeologia, até encontrar um Atomo perdido e até encontrar uma Caveira que me fallem do Principio e da Formação, com a linguagem ministrada pela sciencia positiva, sciencia que põe em contacto o dia de hoje com os milenios distantes.

E vejo passar nebulosas aos milheiros, quebradas, de photosferas rasgadas — massas esbranquiçadas cujo calor não faz luz, — em gyro constante, enquanto no pó, soterradamente, branquejam osadas poidas e craneos partidos de todos os animaes. Alimentam-se flores naquelle segmento estarricado, flores que não veem a luz do sol, que vicejam na frialdade das covas, sempre embuçadas nos atomos negros da Treva circulante!

III

Azul! Pleno Azul! La fóra rondam estrellas luminosas como crivos doirados. O meu Espirito vaga sosinho á procura do desconhecido, perdido nos sulcos mal distinctos de seculos distantes, a revolver o talhe silencioso das Sphinges e os corpos mumificados dos guerreiros, dos philosophos e dos sabios que dormem abeirados do pó do chão; emigra depois mais adiante e vae soletrando os versiculos da Ramayana, mysticamente, como um fakir cançado ou como rajah dormindo ao múrmuro som dos salgueiraes em flor á margem do Ganges, e sonha Buddha, e sonha no eterno repouso da beatitude, da quietitude da paz consoladora e feliz. E rompe e passa pelas camadas do tempo, revolvendo na ossa commum as caveiras esbranquiçadas dos avós, de orbitas cavadas, de parietaes carcomidos, e soltos os elos da alongada espinha dorsal a chocalhar como um crotalo movimentado pelo vento, que vem de muito longe tangendo os hymnos pagãos e os cantos das bayadeiras indolentemente apaixonadas e selvagens, de toadas enervantes. E em cada departamento dos craneos vegetam simples arbustos enfesados, e a terra ajusta se aos bordos como a caliça aos muros arruinados e velhos.

E o meu espirito passa e repassa, em breve revista, erguendo, linha a linha, o esqueleto de gerações inteiras, valorosas, opulentas, riquissimas e muito superiores a esta humanidade actual, morta de syphilis e adoidada de ambições crueis. E nesse instante passa um luar opalino allumiando o vasto campo de uma necropole immensa, luar que vem de uma lua gigante, branca como o sendal do Ganges, fria como as geleiras do Norte, pallida como uma noiva magoada e morta, boiante, solta no espaço, e se balanceia tropegamente como ebria

que é d'esse banquete descommunal em que ainda se servem os ultimos convivas, que são essas estrellas que rondam lá fóra, luminosas, como crivos dourados, no azul, no grande azul..

IV

« Porque pensar na vida ? Só ha bellezas na morte. O tumulto é a reverencia de todos que reflectem e o Espirito anda de renovação em renovação, de sepultura em sepultura, como ave errante que emigra de clima em clima, sem pouso para as azas fatigadas de voar.

A Morte não tem galas; a Morte não tem exterioridades... O simples é a fórma apurada dos espiritos esclarecidos, e o simples só pôde ser encontrado na Morte.

Para que pensar na vida ? »

Assim canta dentro em mim esse espirito que vóa de região em região, golpeando rosarios de seculos, para perder-se no emmaranhado distante do Desconhecido..

A Morte é a renovação constante, enquanto a Vida é a phase transitoria da materia em elaboração continua, o eclipse da Realidade.

V

O coveiro da Eternidade repousa fatigado, enquanto se approxima a procissão immensa de milhões de seres de cabelleiras brancas, que vêm descençar das intemperies dos dias..

Na theorba colossal da Materia nadam atarefadamente, como bilhões de vagas revolucionarias, em noite de tempestade, no vasto seio do vastissimo Oceano. Movimenta-os a Força, a Suprema Vontade que rege todas as coisas...

Perdem-se os prantos pouco a pouco da Velhice na planicie sombria da Saudade, enquanto alacridadamente já se ouve a musica dos risos, entoada por um formigueiro de Crianças que renascem. E' a Morte produzindo a Vida.

E' então quando eu vejo de novo o balcão em flor, e as manhans claras surgem limpidas nessas noites brancas, arminadas da argamassa das nebulosas e de pó dourado do Sol e da Lua, moidos na mesma mó das Auroras e dos Iris.

VI

O meu espirito volve ao meu *ser*, e continúa a pensar dentro do involucro estreito que o subjuga, como dentro do casulo variegado borboletas que hão de voar toda a extensão do Espaço Azul e perder-se nas dobras do pallio anilado do céu crivado de estrellas.

LEONIDAS E SÁ.

SOMBRA

Sombra negra, a minh'alma, ao sentir-te, se apouca.
Vae-te ! Porque mostrar as coleras e sanhas
Que te rilham, á noite, as lividas entranhas,
Fazendo-te lançar a blasphemia da boca ?

Debalde fujo ao teu olhar : tu me acompanhas
Por toda a parte, assim, com teu olhar de louca.
Some-te, negra Sombra ! a noite vem, e touca
De trevas o alto cume ás ingremes montanhas.

Succubo atroz, Ephialta hedionda, horrida Sombra,
Vae-te, deixa-me em paz, não me embargues o passo !
Assombra-me o teu vulto e o teu olhar me assombra !

E corro, e fujo, mas não sei onde me acoite.
Blasphema a escuridão .. e, em camouços, no espaço
Debatem-se, ululando, os incubos da noite.

JULIO CESAR DA SILVA.

NO CAMINHO DA FONTE

Luiza deixára o bando alegre e chilreante das amigas. E, de cangirão na mão, tomava para a fonte pelo estreito e branco caminho que sahe do lado direito da habitação e atravessa o verde e pittoresco declive do terreno, como um risco trenido e claro, ás vezes interrompido pela obesidade tranquilla de alguma pedra cinzenta, ou pelo vigoroso tamanho da grama.

E então, o José, o filho da Albina, um rapaz robusto e louro como um allemão, alma rude e atrevida, mas amantissima e generosa, vendo-a deixar as outras, foi atacal-a ás escondidas, debaixo de uma velha figueira que sombreava o caminho, e, com uma brejeirice franca e suavissima de namorado, pespegou-lhe um beijo tão demorado e intenso, que chegou a manchar de roxo o rosto rosado e fresco da rapariga, deixando-a atrapalhada, attonita, numa estonteação voluptuosa.

Era ao entardecer. O sol esbrazeava o poente e arrastava ainda pedaços do seu vastissimo manto de ouro pelas grimpas atalaiantes das serras.

Rapazes gritadores e sãoos, de peito aberto e chapéo de palha, corriam e cambalhotavam pela planura relvosa dos pastos, na expansão venturosa e alegre dos seus corações infantis, na irrequietação esplendida e brincalhona dos animaes livres.

E a toada longinqua e sonorosissima de um lavrador recolhendo o gado, punha na tarde azul e silenciosa uma melancolia immensa.

VIRGILIO VARZEA.

MAGNETISMOS

Meu coração, de jubilos tomado,
Por ter de uns lindos olhos merecido
Mais do que nunca houvera desejado,
No seu profundo carcere escondido,

Ruidoso e alegre sobe illuminado,
Na doce luz d'esse luar querido,
A ver, dos olhos meus, o delicado
Encanto d'esse bem desconhecido...

Admira a graça e a angelica pureza
D'esse olhar ideal, cuja doçura
Mais lhe completa a olympica belleza!

E tão captivo está d'essa ventura,
Qual mariposa pela chamma accesa,
Que, doido, a morte nesse olhar procura.

MOREIRA DE VASCONCELLOS.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

(Continuação)

X

O inverno principiára a declinar do seu rigor, o que tudo vinha em proveito da companhia dramatica que trabalhava no *Solis*. Montevideo estava n'uma epoca lisongeira para as empresas theatraes. A população viva, alegre, cheia de animação, participa da natureza do povo madrileno, a quem se póde com justiça chamar o andarilho do prazer.

A estação corrêra sem *pampeiros* para a companhia hespanhola, e, pelo que constava dos jornaes, parecia que na capital algum phenomeno singular se ia dar. Nas esquinas das praças e nas ruas principaes grandes cartazes *declamavam*, como pregadores de antigas procissões de aldeia, um annuncio pomposo de um espectáculo, que se effectuaria nessa mesma noite no theatro *Solis*.

A Confeitaria Oriental como que palpitava de goso e de... *absintho*. Ha muito que se não via tanta concurrencia no local, aclamado pela *fashion* montevideana para *rendez-vous* do *dandysmo* da capital. O theatro da praça Independencia erguia-se vistoso, com a sua fachada altiva e com os seus dous torreões talhados em estylo de zimbório, que vêm mais á frente da linha vertical do frontal do edificio, como dous braços abertos e convidativos. No tope do mastaréu, erguido na *azotéa* do theatro, debatia-se em convulsões um pequeno pavilhão pintado de côr viva, encarnada. Era o signal de convenção para avisar ao publico o espectáculo d'essa noite.

Deixemos, porém, em toda gala o edificio e sigamos pela rua de Sarandi até a praça da Constituição ou, como o exige o habito do povo, a praça da Matriz. Desçamos pela rua Ituzaingo; estamos na de 25 de Mayo. Continuemos. A curiosidade detem-nos á porta da Confeitaria Oriental. Acaba de lá entrar um nosso conhecido. E' Carrero.

Com effeito, como rapaz da roda elegante, e, o que é o mais, rapaz de prestigio, apenas se aproximára da porta, vio a columna cerrada dos desocupados que d'elle se acercou, invadindo o salão, onde já se ouvia o borbórinho zombeteiro de galhofa e de futilidades da conversação.

— Carrero! Ora até que afinal o vemos! bradou um dos moços, que talvez anciasse por novidades. Que novas nos dás, libertino?

Carrero franzió o sobr'olho ao ouvir pronunciar aquelle termo pouco lisongeiro, e percorreu, com olhar pesado, todos os recantos do salão.

— Bem!... tudo é de paz!... por isso consinto que me chames libertino. Olha, porém, que tenho uma reputação a zelar; pretendo casar-me com a filha...

— Já sabemos — atalhou ás pressas e frenetico o que primeiro fallára — não ponhas mais na carta; pretendes casar-te com a filha do coronel Blanco!

Ergueu-se então um *oh!* admirativo.

— Não é possível — dizia outro — e onde deixam o Lucio?

— Amigos, amigos, negocios á parte.

— Silencio, companheiros — impoz Carrero com voz e ar de grande e solemne sinceridade — vocês estão a perder tempo e espirito, o que prova que podem dispor de um e outro; não é com a filha do coronel Blanco que pretendo casar-me, é com a filha do bey de Tunis.

Esta galhofa inesperada foi acolhida com uns sonoros *muy-bien*.

— Sim!... porque afinal não mereço perder a reputação com o chamar-me libertino, isto é, homem que perde a noite em paragens suspeitosas, esbanjador de dinheiro, e *tutti quanti* preceitos da devassidão.

A conversa sobre este ponto decahió e passou a outro assumpto.

Estava na ordem do dia a comedia de Lucio. Carrero viera expressamente á Confeitaria Oriental para se occupar de determinar o plano de uma estrategia. Depois de curto silencio:

— Perderam vocês hontem uma noite excellente — principiou um rapaz da roda, mais entusiasta e parlador. Assisti ao ensaio geral da comedia em tres actos que se representa no *Solis*. Não vos digo nada.

— E então? — perguntaram outros, curiosamente. E' um dramalhão com visos de comedia, não vale nada!

— Pelo contrario!... Em minha opinião aquella comedia não foi escripta por nenhum dos nossos compatriotas.

— Ora, ora! . . . Porque?

— Porque está demasiado espirituosa para ser obra de um oriental.

— Protesto—interrompeu Carrero, com um movimento nervoso. Não queiramos passar pelo povo mais espirituoso, de accordo; não depreciemos, todavia, o que é nosso, o que puramente nos pertence. Essa comedia foi escripta por um oriental...

— Bem — retiro a expressão; adivinho que a peça é vegetada na penna de algum litterato... profundo. Entretanto, é necessario que me explique: se duvidei da paternidade oriental, é que todos os nossos homens de letras — e são tão poucos — estão absorvidos pela politica partidaria, apaixonada.

— E affirmas que é um trabalho de folego?

— De longo folego. Ao entrecho, habilidosamente tecido, animado, vivo e saltitante, ao condimento picante de phrases vasadas em molde de espirito pariziense, ao animado movimento dos personagens que se grupam, durante diversas scenas, sem prejudicar nem destoar o effeito geral, á naturalidade da acção, junta-se um pensamento profundamente moral, e ali têm vocês uma obra notavel.

— Apoiado — atalhou Carrero — tudo isso é certo. Muito embora não assistisse ao ensaio geral sentado na platêa, não perdi uma syllaba da comedia. Estavamos, eu e o autor, entre bastidores. Bem que ouvimos os bravos pronunciados por alguns ouvintes. Posso dizel-o com orgulho: se a litteratura nacional se enriqueceu com essa joia, é devido a um compatriota, tão modesto quanto intelligente; se, porém, o publico de Montevideo vae conhecê-la, desempenhada no palco de *Solis*, a mim o deve...

— A ti? — interrogaram alguns dos rapazes, que cada vez menos comprehendiam.

— A mim! Se me acho hoje em horas de muito *trabalho* entre amigos, é que quero, a despeito de todas as promessas que contrahi com o autor, não formar *claque* mas recomendar-lhes esse trabalho, na certeza de que, se o applaudirmos, poderemos contar com um autor que levante o theatro nacional.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Adiada por motivo imprevisto, só hoje, sabbado, 15, se realisará a estreia da companhia lyrica italiana, de que é empresario o Sr. Luiz Ducci.

Será cantado o *Tannhäuser*, de Wagner, encarregando-se dos principaes papeis a prima-dona Gabbi, o barytono Camera e o tenor GabrieleSCO, tres artistas que deixaram saudades ao nosso publico.

Na cadeira de regente da orchestra reaparecerá Marino Mancinelli.

*

Parece ter sido feliz a estreia da companhia organizada pelo actor Peixoto e pela actriz Clementina para dar espectaculos no Lucinda. A comedia as *Noivas do Sr. Enéas*, que tem todas as qualidades e todos os defeitos das demais peças de Gervazio Lobato — dialogo espirituoso, actos longos e descosidos — agrada francamente ao publico e provoca a hilaridade. Balbina, Clementina, Peixoto, Maia, Flavio e os outros artistas dão boa conta do recado. E' de esperar que as *Noivas do Sr. Enéas* deem um bom numero de representações.

*

A companhia portugueza do theatro D. Maria II, de Lisboa, deu, no S. Pedro, o *Dom Cesar de Bazan*, de Dennery, bonito drama em que o actor Augusto Rosa tem um dos seus melhores papeis; o *Desquite*, de Paul Ferrier, traduzido a primor por Jayme de Séguier, e magnificamente representado por Augusto Rosa e Rosa Damasceno, e a *Conaessa Eloisa*, comedia em 1 acto, de Gervazio Lobato.

*

No Appollo tivemos a eterna e sempre applaudida *Morgadinha de Val-flor*, de Pinheiro Chagas, e *Uma causa celebre*, de Dennery — pela excellente companhia portugueza de que fazem parte os artistas Amelia Vieira e Alvaro.

*

A companhia Tomba, que continúa a attrahir todo o Rio de Janeiro ao Polytheama, deu-nos o *Orpheu no inferno*, a immortal *bouffonerie* de Crémieux e Offenback, e a *Mascotte*, de Audran.

*

No Recreio proseguem as representações da *Volta do mundo*. Do papel de Passepartout, que era feito pelo actor Machado, foi agora incumbido o actor Colás. No Variedades e no Sant'Anna continuam as representações do *Diabo coxo* e da *Conquista dos talismans*.

X Y. Z.

Apparecerá brevemente nesta capital a *Revista do Brasil*, organ scientifico e litterario, publicação mensal, com 32 paginas, em grande formato, dirigida pelo Sr. Samuel de Oliveira, alumno da Escola Militar, e collaborada por escriptores illustres.

Recebemos o n. 2 (anno IV) do *Binoculo*, folha semanal — sportiva, litteraria e theatra — que se publica nesta cidade, e da qual é redactor o Sr. Alfredo Calainho.

Recebemos tambem a *Morgadinha de Valle de Pereiro*, comedia em 5 actos, parodia, em verso, á *Morgadinha de Val-flor*, escripta pelo distincto actor Julio Vieira, do Appollo, e representada com exito em Lisboa.